

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AUGUSTA TIE YAMAMOTO

***A (RE) CONSTITUIÇÃO DOS CAMINHOS DE FORMAÇÃO DE UMA
PROFESSORA PESQUISADORA***

CAMPINAS

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AUGUSTA TIE YAMAMOTO

***A (RE) CONSTITUIÇÃO DOS CAMINHOS DE FORMAÇÃO DE UMA
PROFESSORA PESQUISADORA***

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UNICAMP, para obtenção do título
de especialista, sob orientação do Prof. Dr.
Guilherme do Val Toledo Prado

CAMPINAS

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Título: *A (re) Constituição dos caminhos de formação de uma professora
pesquisadora***

Autor: Augusta Tie Yamamoto

Orientador: Guilherme do Val Toledo Prado

Exemplar correspondente à redação final do TCC, do Curso de
Especialização da aluna Augusta Tie Yamamoto.

Data:

Assinatura:

Orientador

© by Augusta Tie Yamamoto, 2009.

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC
V:	4797
EX:	
Tombo:	4797
PROC.:	134110
C:	
D:	X
PREÇO:	1,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO:	477114

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Y144 Yamamoto, Augusta Tie
A (re) constituição dos caminhos de formação de uma professora –
Pesquisadora / Augusta Tie Yamamoto . – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador: Guilherme do Val Toledo Prado.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Memória de formação. 2. Formação de professores. I. Prado, Guilherme
do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

09-405-BFE

DEDICATÓRIA

Dedico essas narrativas,

ao meu pai, sempre provocador e companheiro de minha formação.

à minha mãe pelo incentivo, amor e carinho.

às minhas turmas, aos meus alunos, por serem parte de minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Às amigas de curso e profissão, pelas risadas, pela partilha na experiência;

Andréia, Gisele, Simone, sempre....por tudo;

Isnary, Roberta, por dividirem o espaço e o caminho comigo;

Aos Professores do Curso, pelas leituras, aulas e dedicação;

Ao Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado, pela orientação, não somente nesse Curso, mas principalmente por fazer parte de minha formação há tanto tempo, obrigada!

Em especial à Professora Maria Thereza Alexandre, pela palavra de incentivo, pela paciência, carinho e amizade dispensados a nossa turma. Mas principalmente pelo bom humor e pela risada contagiante. Mestre!

SUMÁRIO

RESUMO	09
CAP I – INTRODUÇÃO	10
CAP II – METODOLOGIA	13
CAP III – MEMORIAL DE FORMAÇÃO	14
CAP IV – PISANDO EM CHÃO FIRME....(?)	21
CAP V – OUTROS PASSOS DO CAMINHO	31
CAP VI – ANTES DE CONCLUIR...	33
CAP VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

Embriaga-te

Deve- se estar sempre bêbado. É a única questão.

A fim de não se sentir o fardo horrível do tempo,
que parte tuas espáduas e te dobra sobre a terra.

É preciso te embriagares sem trégua.

Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude?

A teu gosto, mas embriaga-te.

E se alguma vez sobre os degraus de um palácio,

sobre a verde relva de uma vala,

na sombria solidão de teu quarto,

tu te encontrares com a embriaguez já minorada ou finda,

peça ao vento, à vaga, à estrela, ao pássaro, ao relógio,

a tudo aquilo que gira, a tudo aquilo que voa,

a tudo aquilo que canta, a tudo aquilo que fala, a tudo aquilo que geme.

Pergunte que horas são. E o vento, a vaga, a estrela, o pássaro,

o relógio, te responderão.

É hora de se embriagar !!!

Para não ser como os escravos martirizados pelo tempo, embriaga-te.

Embriaga-te sem cessar. De vinho, de poesia ou de virtude.

A teu gosto.

Resumo

Trabalho de Conclusão de Curso referente ao Curso de Especialização: A pesquisa e a tecnologia na formação docente, em convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Campinas e a Universidade Estadual de Campinas, sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Afira Vianna Ripper (LEIA – Laboratório de Educação e Informática Aplicada). Rememorando, numa perspectiva benjaminiana, os meus caminhos de formação, como uma professora-pesquisadora, procuro a partir de alguns acontecimentos da minha prática pedagógica, com algumas imagens captadas do cotidiano escolar da minha turma desse ano, fazer uma análise crítica dessa minha atuação em diálogo com referências bibliográficas no campo da formação de professores.

Palavras-chave: Memorial de formação, Formação de Professores.

Introdução

Este Trabalho de conclusão de Curso conta com as minhas reflexões e análise de minha formação em conjunto com o trabalho desenvolvido em sala de aula, enquanto professora-pesquisadora, na busca do aprimoramento profissional e engajamento no campo da pesquisa científica. É parte desse trabalho um memorial de minha formação escolar, parte das narrativas pedagógicas produzidas no Curso de Especialização – A Pesquisa e a Tecnologia na Formação Docente, no período de 2008/2009.

Terminada a graduação na Faculdade de Educação da Unicamp em 2000, foi hora de arregaçar as mangas pra valer e resolver o que faria dali pra frente. Enviar currículos para escolas particulares em Campinas e Sorocaba (cidade em que me criei), prestar todas as provas de concurso possíveis entre outras coisas foram as estratégias adotadas, por mim e por outras amigas também, até que o concurso para a Rede Municipal de Campinas finalmente saiu. Em agosto de 2000 assumi minha primeira turma na EMEF Edson Luis Lima Souto, no bairro San Martin, onde leciono desde então.

A partir dali passei por um processo longo de adaptação, formatação em que convergiam a minha formação, o campo de trabalho e sua estrutura, os embates e debates com os colegas. E estou nessa busca até hoje: questionando, procurando respostas, soluções, e porque não um pouco de paz de espírito em relação ao que tenho feito.

Narrar o percurso de um caminho... explicitar as escolhas, exibir os resultados, desmistificar o trabalho e me apropriar dele. São as ideias que surgem quando penso no meu cotidiano como professora. O que acaba se tornando recorrente é a questão do olhar para o trabalho, para refletir, repensar, refazer e até

desfazê-lo... E por que escrever sobre isso tem relevância para se tornar tema do meu trabalho de conclusão de curso? Porque acredito que essa retomada explícita e demarca quem sou, como fui me constituindo como profissional, são ideias que trago para meu trabalho de conclusão de curso..... sobre um curso de formação de professores pesquisadores, se apropriando de suas práticas....

No ano de 2006, eu e outra professora da escola assumimos as salas do 1º Ano do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, com crianças de 6 anos de idade, quando a Secretaria Municipal de Educação deu início à implantação, em suas unidades, do Ensino Fundamental de 9 anos. Uma mudança que nos pareceu grande, nas formas de organizar e pensar o trabalho nas escolas.

Desde então tenho refletido a respeito das questões que envolvem a alfabetização, as relações de ensino, a aprendizagem, as condições em que essas relações acontecem e a prática docente, sempre na intenção de formalizar essas reflexões, oportunidade que estou tendo ao realizar esse curso de especialização. Esse espaço e tempo de têm proporcionado uma série de elementos importantes para essa reflexão. Destaco as possíveis repercussões da atitude investigativa do professor na construção/produção do conhecimento: O que se torna objeto de conhecimento na relação de ensino? Como os sujeitos participam dessa construção?

Para realizar essa reflexão utilizo, além de levantamento bibliográfico, alguns recortes de sala de aula, tentando enxergar a questão pelos olhares de meus alunos também. Sempre que se propõe a reflexão do trabalho docente, e suas marcas, tenho a sensação de se tratar de uma visão unilateral (somente do professor), bilateral no máximo (o professor e outro interlocutor, externo à sala de aula). Por isso penso que algumas das imagens coletadas pelas crianças no cotidiano da sala

de aula podem se constituir num material rico para análise de meu trabalho e que pode ajudar a entender e explicitar os caminhos de minha prática, e que melhor “olho” para captar e anunciar isso do que as pessoas diretamente envolvidas por meu trabalho? (a questão da utilização da tecnologia, estudadas nesse curso, já influenciando a minha reflexão...)

Metodologia

A pesquisa será tanto empírica quanto teórica. A proposta é proceder ao registro e análise de material que nos ajudará a evidenciar o cotidiano da minha sala de aula. Ao mesmo tempo realizaremos uma revisão bibliográfica com a intenção de estabelecer diálogo com autores que nos ajudem a fundamentar o trabalho teoricamente. A metodologia do trabalho inspira-se nos princípios da pesquisa etnográfica, na qual a interpretação dos processos educativos ocorre mediante trabalho de atuação direta e observação dos dados coletados.

Durante muito tempo a sala de aula foi uma caixa preta para os pesquisadores, simples suporte para uma pesquisa "input-output" ou para testes psicométricos. Considerava-se que aquilo que se passava dentro da sala de aula dependia da vida no meio externo, não se investigava como o mestre ensinava realmente e como o aluno realmente aprendia. Consequência: professores permanecem indiferentes, até mesmo hostis, à pesquisa em educação. (Charlot, p.73, 1992)

Para além do registro e descrição dos dados o enfoque etnográfico em educação abarca o compromisso com a interpretação teórica, metodológica e intersubjetiva dos dados registrados e reconstruídos nas análises.

O registro das situações em sala de aula será feito em diários de campo e registros fotográficos.

As análises do material empírico serão feitas em diálogo com os textos, conceitos e concepções de diversos autores que têm ancorado os trabalhos em uma perspectiva histórico cultural.

Um breve e por enquanto pequeno, Memorial de Formação

A minha primeira experiência escolar: foi numa EMEI em Sorocaba, aos 5 anos de idade. Como a filha mais velha lá de casa, acho que acabei sofrendo um pouco de um certo complexo de cobaia, explico: minha mãe não tinha ideia de que havia prazo para me matricular na escolinha e por isso acabou perdendo a data, só pude começar algumas semanas depois.

Os meus amigos da rua já estavam indo para as suas escolas e eu tinha que ficar em casa.... não que isso fosse ruim, mas me sentia meio deslocada, pois a minha melhor amiga já seguia uma rotina que não me incluía mais. E então fui chamada pra começar a “estudar”, uma correria! Pois de uma hora pra outra um mundo de coisas tinham que ser arrumadas pra mim: a bolsinha vermelha a tira colo (confeccionada pela minha mãe), a toalhinha, um copinho de plástico, a camiseta do uniforme, o shortinho azul com elástico nas pernas, o congá vermelho, ufa!!!! Era tanta novidade que nem entendi o que tudo aquilo significava: eu estava para viver um dos primeiros ritos de passagem na vida!

Primeiro dia de aula, primeiras recomendações de minha mãe, primeiros “foras”:fui entrando pela escola e tudo vazio (não me lembro por que, mas minha mãe não me acompanhou, só até o portão, e me disse para entrar e ir pra sala da professora Maria José), ouvia de longe barulhos de pessoas, mas estava tudo bastante calmo e então fiquei parada na primeira porta que vi aberta...a professora me viu e perguntou o que estava fazendo ali e acabou me encaminhando pra sala certa. A Tia me recebeu rapidamente e pediu que me sentasse. A sala era organizada em grupos e sentei na primeira cadeira que vi vazia....de repente duas meninas apareceram ao meu lado e disseram que não podia me sentar ali pois o lugar era de uma delas, me levantei e fiquei do lado esperando pra poder sentar

onde me fosse permitido. A primeira “lição”, o primeiro parquinho, a primeira merenda (que delícia!), a piscina. Essas são as primeiras lembranças da minha primeira experiência na escola, que apesar do tom um pouquinho dramático, trazem recordações muito gostosas...

Do outro lado do portão...

Já por parte de minha mãe, a sua lembrança é de me ver entrando na escola, depois de muito lutar para me desvencilhar de suas mãos; sem olhar pra trás, rebolando dentro do shortinho azul de elástico nas pernas e ter que consolar a minha avó que chorava e não se conformava de jeito nenhum, morrendo de dó da sua netinha “mas ela é tão pequenininha” entrando para a vida escolar.

Para entender a importância que a educação teve em minha vida e porque a escolhi como profissão, é preciso entender um pouco o percurso de meus pais em busca dela em suas vidas. Começo pela minha mãe:

Filha de imigrantes japoneses, caçula de 9 irmãos, nascida no fim da 2ª Guerra Mundial, no interior paulista, quando ser japonês no Brasil era um assunto delicado, e órfã de pai aos três anos, podemos presumir a dureza de sua vida. Mas quando ouço seus relatos, não é o sentimento de tristeza que relaciono a eles... sinto um cheirinho de café no bule, arroz branco no fogo... familiaridade é o que sinto...

Por insistência de sua irmã mais velha (já mãe na época) minha mãe foi matriculada numa escola rural, numa sala multisseriada. Ficando a cargo de seu sobrinho a tradução do que era dito pela professora, uma vez que minha mãe não falava o português, situação que a deixava bastante desconcertada. Ao final do ano não houve alternativa a não ser reprová-la na 1ª série. Mas ela não se abateu e

dedicou-se a aprender o idioma, praticou com afinco, sempre interessada em aprender mais. Minha mãe estava decidida a não passar mais pelo que passou em seu primeiro ano escolar. Ela não queria depender de ninguém para entender e ser entendida.

Algum tempo se passou e sua família foi morar na cidade, e minha mãe se dividia entre a escola tradicional, a escola japonesa e o trabalho no comércio de seus irmãos. Um tempo que ela recorda com muita saudade e é possível perceber o impacto dessas experiências em sua vida: rica em cultura, artes e aprendizagem. Por insistência de um de seus irmãos mais velhos minha mãe foi a única dos irmãos a finalizar os estudos e frequentar a faculdade. O curso escolhido foi o de Educação Física na cidade de São Carlos. Foi lecionar em São Paulo e graças aos seus conhecimentos da língua japonesa, conquistou junto a Associação Cultural Japonesa de São Paulo, uma bolsa de estudos no Japão por um ano.

Ao final desse período, já de volta ao Brasil, minha mãe conheceu meu pai, em São Paulo e lá se casaram.

Meu pai não teve uma trajetória muito diferente de minha mãe:

Estudou na escola rural na região da cidade de Birigui, interior do estado de São Paulo, até a 4ª série, e para continuar os estudos precisou mudar de cidade, indo morar na casa de uma conhecida da família nesse período. Mais tarde ele se transferiu para São Paulo sendo acolhido pela sua irmã mais velha, já casada, e após terminar o equivalente ao Ensino Médio da época, ingressou na cavalaria do Exército. Finalmente concluiu seus estudos formando-se em engenharia em São Paulo. Tendo sempre trabalhado para ajudar em seu sustento.

Crescemos, meus irmãos e eu sempre ouvindo de nossos pais que os estudos era o que de mais valioso poderiam nos oferecer, pois tudo o que haviam

conquistado em suas vidas se deu através dos estudos realizados. Mas que os méritos seriam conquistas nossas, dependiam de nossos esforços. Fomos estimulados não apenas na escola, mas meus pais achavam importante nos expor as mais variadas atividades extra-curriculares: esportes, línguas... E tivemos sempre seu apoio, e por que não, insistência para que concluíssemos os estudos, fôssemos bons alunos, pois sabiam o que significava estudar sem poder contar com muito suporte e estrutura.

Uma das lembranças mais marcantes e significativa é a do meu pai chegando em casa com um embrulho: eram livros que ele tinha comprado especialmente para mim. Três ou quatro volumes que carreguei debaixo do braço um tempão, entre os títulos que mais me marcaram estavam: “Menino do dedo verde”, “Pai me compra um amigo”. Tinha mais ou menos oito anos e aquilo me despertou como leitora, eu descobri os livros pelas mãos do meu pai, que é até hoje meu maior incentivador e provocador, quando o assunto é prosseguir com a minha formação.

Estudamos numa escola católica, muito conceituada em Sorocaba, tendo a proposta de uma formação não apenas acadêmica, mas integral: social e espiritual. Participávamos de atividades como retiros com a turma, em que discutíamos assuntos relacionados a nossa formação pessoal: relacionamentos, família, nossas experiências. Fizemos com a escola várias viagens e excursões. Havia as Olimpíadas que era uma atividade anual que envolvia a escola toda, da educação infantil ao colegial, éramos divididos em grupos (países) e participávamos de competições esportivas e culturais, um grande acontecimento esperado por todos os alunos: toda a solenidade, a abertura, a integração entre os alunos, era o acontecimento do ano. As Festas de Maio (da Padroeira da escola) também eram aguardadas com antecipação e movimentavam tanto a escola quanto a comunidade:

havia a quermesse, nossas apresentações, a quadrilha. Permaneci ali quase a minha vida escolar inteira: da pré escola até o terceiro colegial. Acho que tínhamos uma vivencia diferenciada que não havia em outros meios escolares: turmas reduzidas (minha sala de 3º colegial contou com 16 alunos) o que significou uma relação de proximidade com os professores e colegas; diferentemente dos cursinhos pré-vestibulares da época, nosso curso não era apostilado, a escola adotou livros didáticos. A escola conta até hoje com um espaço físico impressionante, sempre houve incentivo a atividades fora do período de aula. Tenho certeza de que isso tudo me influenciou na decisão em cursar Pedagogia e trabalhar na área da Educação.

Toda essa vivencia só foi possível graças à importância dada pelos meus pais a nossa educação, a nossa formação pessoal e acadêmica. Alguns sacrifícios foram feitos para que pudéssemos freqüentar a escola, pudemos contar com uma bolsa de estudos durante um tempo de vacas magras, graças aos nossos desempenhos em sala de aula e comprometimento de meus pais com nossos estudos.

Eu tinha 17 anos quando terminei o colegial e era a primeira vez que prestava vestibular, sabia que a competição era acirrada e então pensei em considerar mais como uma experiência, por isso me candidatei apenas nas três estaduais: USP, UNESP e UNICAMP, nos mais diferentes cursos: Jornalismo, Direito, Ciências Sociais e Pedagogia, sem pretensão de passar. E foi o que acabou acontecendo: conforme as férias iam passando os resultados das provas iam sendo divulgados e eu não ficava nem em lista de espera. Já estava me inscrevendo nas provas para bolsas de estudos nos cursinhos...e...

Qual não foi a minha surpresa quando recebi o telefonema da minha professora de Literatura me parabenizando por ter entrado na Unicamp. Nem tive

tempo de ficar muito na dúvida em estudar fora de casa ou não; meu pai logo se vira pra mim e dispara: "você vai, né?". Atordoada com o que tudo aquilo representava tive algumas semanas para me preparar para deixar o ninho. Acho que pela história de vida de meus pais, eles sempre acreditaram que estudar fora de casa era uma experiência importante pela qual devíamos passar.

Então lá fui eu, com não mais do que duas malas para minha primeira morada longe de minha família: um pensionato com outras 23 estudantes, todas da Unicamp. Nem preciso dizer que socialmente, esse primeiro ano de faculdade foi uma loucura!!! Frequentei quase todas as festas das faculdades e institutos, que na época ainda eram realizadas dentro do campus (essa veio direto do túnel do tempo!).

Academicamente devo dizer que foi uma luta. Era a primeira vez na vida que tive que assumir toda a responsabilidade sozinha: pelas minhas escolhas, pelos meus horários, até se iria ou não às aulas. Fora o fato de que não estava encontrando conexão entre as disciplinas que estava cursando e a ideia que tinha sobre a profissão.

No fim do 1º ano, após ser reprovada em uma disciplina (pela primeira vez na vida!!!) estava pensando em desistir e ir atrás de um novo caminho pra mim, mas foi meu pai que propôs para que eu desse mais um tempo para o curso, que eu iria me encontrar e o que estava sentindo era um fato normal nos primeiros anos de faculdade, que as coisas melhorariam quando a parte prática do curso chegasse e que aí sim eu poderia dizer se o curso fazia sentido ou não.

Sábias palavras...

No ano seguinte não só encontrei sentido no curso como me apaixonei pelas disciplinas e temas estudados. Acabei me engajando mais no curso, experienciei

mais a faculdade: participei e trabalhei em congressos, fui monitora das disciplinas - Prática de Ensino e Estágio Supervisionado das Séries Iniciais I e II, sob responsabilidade do Prof. Guilherme. Pude nessa experiência entrar em contato com o outro lado das disciplinas, não como aluna da graduação somente, mas de certa forma, auxiliar na orientação de outros alunos em seus estágios e início da parte prática do curso. As primeiras reflexões sobre os modos de atuação docente nasceram dessas experiências, das trocas e colaboração com o trabalho nos estágios.

Fiz algumas das maiores amigas de minha vida, valiosas até hoje!!! Encontrei o meu caminho academicamente, profissionalmente, e percebi que poderia ser uma boa professora...

Depois de terminada a graduação na Faculdade de Educação da Unicamp, foi hora de arregaçar as mangas pra valer e resolver o que faria dali pra frente. Enviar currículos para escolas particulares em Campinas e Sorocaba, prestar todas as provas de concurso possíveis entre outras coisas foram as estratégias adotadas, por mim e por outras amigas também, até que o concurso para a Rede Municipal de Campinas finalmente saiu. Montamos até um grupo de estudos e demos conta de toda a bibliografia da prova, e depois de muita tensão veio o resultado: passamos!!!! Logo assumimos nos cargos e fomos à luta...

Que travamos até hoje, sempre acreditando na evolução, de nossos alunos, do cenário educacional... e de nossa profissão!

Pisando em chão firme.... (?)

“O que faz a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada continuará viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.”

Mia Couto

Passar nas provas do concurso de 2000 de Prefeitura de Campinas pareceu ser um dos sete trabalhos de Hércules... :

O nervosismo à espera dos resultados, a escolha das vagas, uma escolha quase às cegas: já que conhecia pouco do município e nada de onde as escolas se localizavam. Optei pela escola no San Martin, por indicação de uma das Supervisoras Educacionais que coordenavam a escolha das vagas, ela já havia trabalhado na EMEF Edson Luis Lima Souto e a descreveu como uma escola pequena, e que guardava boas lembranças dos tempos que trabalhou lá. Escolhida a escola, eu e uma amiga, também da faculdade, fomos conhecer nosso novo local de trabalho. Muita expectativa, planos e frio na barriga em iniciar a jornada profissional que finalmente se aproximava.

Nada que estudamos e estagiamos durante a faculdade conseguiria me preparar para o que encontrei na minha escola. Um prédio pequeno, barulhento e muito cheio. Sala de professores e administração minúsculos e cheios de livros e armários, onde as pessoas quase se amontoavam. A recepção não foi das mais calorosas, pois estávamos chegando no meio do ano letivo e várias professoras substitutas tiveram que deixar os cargos para que os professores ingressantes pudessem assumir as salas.

Assumi a minha primeira turma em 7 de agosto de 2000, alguns dias depois de me apresentar na escola; sem tempo para conhecer os alunos, o contexto

escolar, os colegas. Conversei rapidamente com a professora da sala que eu estava assumindo e combinamos que ela prepararia uma atividade de despedida dos alunos e que após o lanche eu ficaria com a sala. O meu primeiro dia como professora da 2ª série começou com a professora J. me apresentando para os alunos como a professora nova (a terceira daquela turma, como eu vim saber depois) e, logo depois de um bolo com refrigerante (para se despedir deles) saiu e me desejou muito boa sorte pois com aquela turma eu precisaria.

Chocada com a introdução tentei não demonstrar muito pavor. Havia preparado uma dinâmica de apresentação com música e um instrumento (pau-de-chuva), e outra atividade para quebrar o gelo e nos conhecermos...que banho de água gelada recebi quando fui questionada se não faríamos lição naquele dia e quando disse que aquelas atividades eram a lição que faríamos no dia, houve quase um motim! Recusas e protestos choveram e atordoada recorri a uma professora que me ajudou, emprestando um livro didático. E na hora do intervalo pude tirar um texto para trabalharmos no restante do período. O que mais ouvi naquela semana foi :

-Tadinha...pegou essa sala?

-É a pior sala da escola!!!

-A professora J. sofreu com essa turma e olha que ela tem anos de experiência....

Me senti péssima, e ia chorando o percurso inteiro do ônibus até em casa. Minha vontade era de sair correndo e nunca mais voltar e foi quase o que aconteceu, liguei para minha mãe, chorei as "pitangas" para as minhas companheiras de turma, enfim, desabei para quem quisesse ouvir.

Relembrando essas cenas penso que talvez pudesse ter feito diferente, planejado diferente, a minha entrada em sala, na escola. A inexperiência foi a minha companhia, não de forma positiva, mas foi a minha companhia. Não sei exatamente que teria feito, mas acho que tentaria controlar a minha ansiedade, dosado o meu “entusiasmo”, sentido mais os alunos.... talvez, porque agora olhando para trás refazer os caminhos parece simples mais fácil, hoje tenho mais experiência, mais jogo de cintura, que fui adquirindo no fazer da profissão, no embate e colaboração com os colegas.

Vejo que o meu começo foi desastroso porque fui ingênua, despreparada para uma realidade que me engoliu. Cheguei querendo trabalhar com alunos que já considerava meus, não ponderei que aquelas crianças estavam inseridas num contexto que me era totalmente estranho: eu estava invadindo, chegando de xereta, de penetra. O meu sofrimento foi o deles também, na medida em que, pensando apenas no meu lado da historia desconsidereei seus anseios, dúvidas e vontades e acabei “tratorizando” todo o nosso início.

A minha situação não era muito diferente da de outra amigas que também ingressaram em outras escolas.... chegamos a formar um grupo de estudos, para compartilharmos as experiências, as atividades, para nos apoiarmos. Nos reuníamos semanalmente, para leituras sugeridas por nós mesmas; revisitamos autores que estudamos na graduação, tomamos conhecimento de outros tantos. Acredito que muito mais do que revisar a teoria, estávamos à procura de nossa identidade como professoras, buscávamos nesses encontros pontos de apoio em nossos trabalhos. Infelizmente esse grupo teve uma vida curta, por incompatibilidade de horários e tempo disponível, ele durou apenas alguns meses, até o início do próximo ano. Mas já nasceu aí, mesmo que informalmente, um

desejo de analisar, refletir sobre as práticas em sala de aula, de dar uma voz e corpo próprio ao nosso trabalho, que traduzisse a nossa vontade em realizá-lo de uma forma que nos fizesse sentido e aos nossos alunos também.

Depois de começar a engrenar e de tantos tropeços com a turma da 2ª série, acabamos o ano e para mim foi surpreendentemente gratificante. Passado esse período inicial, conseguimos nos aproximar, e nos conhecer. O dia-a-dia foi me mostrando as capacidades dos alunos, formas de se comportar, de conformar e inconformar com a escola. Suas histórias, suas famílias. Fomos aprendendo que lição não era só a lousa cheia e folhinhas para fazer, mas que podia ser também uma observação numa conversa mais “despretenciosa”. As conversas com os pais foram me aproximando do universo de meus alunos, fui me “desarmando” dos conceitos que trouxe comigo, dos julgamentos...

Na convivência, mudei eu olhar em relação aquelas crianças e pude ver que apesar das dificuldades que apresentavam estavam muito mais abertas para as novidades do que imaginei no início.

É engraçado como o tempo vai transformando nossas lembranças... sempre recordo dos choques e problemas que tive naquela época, mas nesse exercício de escrita pude revisitar essas lembranças e recuperá-las com um pouco mais de distinção. Os rostos, as vozes, as falas, as personalidades, detalhes que com o tempo vão se misturando e tomando outro corpo. Agora, depois desse resgate, tudo ganha outra dimensão: o começo foi conturbado sim, mas foi o meu começo, os meus primeiros passos na profissão.

E nesse mergulho fui me lembrando de alguns alunos que fui perdendo pelo caminho, mais especialmente de A. que foi aluno em minha primeira turma e que por conta do temperamento foi sempre marcado pelo estigma de mau aluno.

Conversava sempre com sua mãe (mesmo depois de não ser mais meu aluno), que demonstrava uma preocupação enorme com o futuro de seus filhos, se não pudessem contar com sua presença. Infelizmente suas preocupações se confirmaram e depois de falecer, pouco tempo depois perdemos A. também, vítima de violência. Seu irmão mais novo, Al. ficou aos cuidados da madrasta, e depois de um tempo, assim como A. havia feito, parou de frequentar a escola. E tantos outros rostos foram aparecendo...lembro do quanto quebrei a cabeça para tentar motivá-los em relação aos estudos, da preocupação em que não atingissem o potencial que eu achava que tinham. Essa preocupação não me abandonou, ela foi se transformando, foi adquirindo mais força e conforme avancei na minha carreira (e idade...) sinto que fui adquirindo uma certeza maior em relação ao que faço. Sinto que tenho mais propriedade em relação ao meu trabalho, que se traduz na minha segurança em lidar com as questões do dia-a-dia, com minha interação com as famílias das crianças e com meus colegas.

E assim fui me lembrando de tantas outras histórias, outras vidas que se inter cruzaram nessa minha jornada no San Martin, alegres, tristes, de superação, de perdas... em que não fui protagonista, mas também não fui observadora somente... e nestes devaneios fico pensando qual é realmente a nossa importância, o nosso raio de ação? De que forma, nós professores interferimos, (se é que o fazemos) de modo a operar alguma diferença nas vidas dos nossos alunos? Qual deve ser a nossa formação?

Trata-se, então, de formar um professor que não abdica do aprender porque a vivência da curiosidade, da vontade de ver/fazer coisas novas e realidades que não são dadas, é a possibilidade que seu trabalho, indaga-o e indaga as teorias. É um professor que, capaz de se indignar com as contradições, agrega outros na tarefa de suportar o mundo e de guiá-lo por uma história que não negue a existência

humana. Um professor que se capacita para contribuir com a elaboração de uma teoria pedagógica que aposte na infância como produtora de um futuro, de um mundo diferente. Um professor que ao produzir essa teoria, seja capaz de seriedade e de rigor, indicados por Freire (1996) como valores necessários à disciplina intelectual, sem temor de enraizar essa produção em opções, que em seu cerne, são éticas e são políticas. (Dickel, 1998, p. 67)

O planejamento de minhas aulas, a convivência com minhas turmas, as formas de interação, sempre me preocupou, pois acredito que esses fatores influenciam diretamente na qualidade de meu trabalho. Mesmo considerando todos esses fatores ao realizá-lo, tenho que enfrentar alguma resistência em relação a algumas propostas, percebo que quanto mais me afasto de certas expectativas, mais questões vão sendo colocadas, tanto por pais quanto por colegas, acredito que isso tem haver com um conjunto de imagens acerca do que se considera um trabalho docente de qualidade.

Um dos pontos que destaco nessas minhas reflexões é quanto à permanência das formas de ensino, do discurso e situações que vão se tornando “naturais” dentro da escola; e de como essas questões, que são socialmente construídas, vão influenciando as nossas expectativas, da comunidade, das crianças em relação a aprendizagem escolar. A partir dessas preocupações uma contribuição importante que tem ajudado a entender o funcionamento da apropriação das práticas culturais é o que Bourdieu discute utilizando o conceito de habitus - “..os modos de incorporação do funcionamento da realidade social num processo de interiorização que obedece às especificidades do lugar e da posição de classe dos agentes” (Catani, 1997, p. 19). E ainda nas palavras de Lugli: “A idéia de habitus permite considerar a ação social tanto como fruto de estruturas sociais herdadas como

escolha ou cálculo racional do indivíduo, que são, no entanto mediadas por disposições” (2007, p. 27, 28). É necessário então, examinar o que vem sendo construído pelo professor em seu trabalho, de como ele se constitui enquanto profissional, e de como sua ação insere-se numa história de práticas pré-existentes.

Por que, por mais original que seja a atuação de um professor, ela ainda é reconhecível como tal, uma vez que acontece num quadro institucional e supõe posições sociais determinadas na relação com os alunos, com seus pares e com os pais (LUGLI, 1997, p. 30).

Há uma multiplicidade de imagens e expectativas, forjadas socialmente, que constituem o professor, que afetam, em alguma medida a sua atuação profissional. Dentre as quais, poderíamos destacar:

1. a relação afetiva, que diz respeito ao relacionamento direto com as crianças, construída no dia-a-dia e que perpassa as questões pedagógicas.
2. o fato de que o professor representa o elo entre a Instituição escolar e os alunos para a efetivação das diretrizes das políticas públicas para a educação.
3. as expectativas e motivações pessoais, políticas do próprio professor no desempenho de sua atividade profissional.

Por mais que tentemos apagar esse traço vocacional, de serviço e de ideal, a figura do professor, aquele que professa uma arte, uma técnica ou ciência, um conhecimento que continuará colada à ideia de profecia, professar ou abraçar doutrinas, modos de vida, ideais, amor, dedicação. Professar como um modo de ser. Vocação, profissão nos situam em campos semânticos tão próximos das representações sociais em que foram configurados culturalmente. São difíceis de apagar no imaginário social e pessoal sobre o professor, educador, docente. É a imagem do outro que carregamos em nós. (Arroyo, 2000, p. 33)

Percebi que fui amadurecendo, me aproximei de realidades bem diferentes, as fui incorporando em minha vida e permiti que isso fosse me tocando: sei que sou a mistura da minha formação com a minha atuação docente, carrego o que aprendi e vi nos tempos de faculdade lado a lado de meus anos como profissional. Um fio de otimismo que há em mim me faz crer que de alguma forma com o meu trabalho chego a contribuir nem que seja com uma experiência positiva na vida das pessoas que convivem comigo na escola.

Atualmente tento escolher melhor as batalhas que travo dentro da escola, sei que estamos dividindo um espaço diversificado e que as pessoas possuem objetivos diferentes, por isso é difícil que estejamos falando a mesma língua 24 horas por dia. Tento trabalhar com a possibilidade. Antes ficava indignada, arrasada com as condições, com as falas e posicionamentos de alguns colegas que teciam comentários preconceituosos ou até tomavam atitudes controversas; me torturava achando que pouco fazia ou que tinha que fazer mais. Hoje continuo me indignando, mas não fico mais apenas amargurada, tento com o meu trabalho transformar essa situação, tento não ficar mais olhando para o lado, me ponho em movimento, dirijo a ação para a minha turma. Há assuntos que devem ser tratados no coletivo da equipe, e entendo ser de natureza organizacional e que são encaminhadas não somente pelo corpo docente, mas com toda uma estrutura que, inclusive nos cobra esses encaminhamentos; e são desenroladas muitas vezes independente de nossas discussões. Mas o efetivo trabalho coletivo, de ação no cotidiano de sala de aula, tenho conseguido realizar graças às parcerias, à afinidade que adquiri com alguns colegas durante esses anos.

Além disso podemos contar na escola com a parceria de um grupo de estudos da Unicamp (Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem) que vem

desenvolvendo projetos de pesquisa com seus estagiários, alunos da graduação, mestrandos e doutorandos. E embora seja difícil contar com a participação de todos, alguns professores da escola também têm atuado e desenvolvido projetos. As discussões a respeito das relações de ensino-aprendizagem, os modos de ensinar, do desenvolvimento humano, da melhoria da qualidade de ensino, que surgem nas reuniões têm sido importantes em nosso dia-a-dia, em nossas reflexões sobre o trabalho com os alunos.

Durante esses anos de magistério fui responsável por várias turmas, várias crianças. Cada turma foi única, uma experiência singular e fico grata por cada uma delas, tem sido um aprendizado maravilhoso. Tenho cada vez mais a certeza de que é no meu trabalho direto com as crianças que busco e tenho mais chances de encontrar o sucesso e a felicidade profissional de que tantos falamos nas disciplinas deste curso .

Por isso acho que estou aqui, nesse curso de especialização, exercitando a atividade de pesquisa, tentando meios, conhecendo recursos, ampliando a convivência com outros colegas, fazendo novas amizades... para que possa, de volta a minha sala de aula, com meus alunos, enriquecer ainda mais nossa história.



Aula do Curso de Especialização turmas A e B

Por que essas lembranças de nosso ofício? Para entendemos um pouco melhor a nós mesmos, o que somos. Escreve-se muito sobre o professor que queremos, sobre como formá-lo e assumi-lo, como se estivéssemos diante de um profissional sem história. Um modelo novo a ser feito e programado. Um profissional que podemos fazer e desfazer a nosso bel prazer, com novos traços definidos racionalmente pelas leis do mercado e pelas demandas modernas. (Arroyo, 2000 p. 34)

O meu objetivo ao continuar a minha formação, me capacitando é de voltar o olhar para a minha prática, entendê-la melhor, transformá-la; apropriar-me do meu ofício, do que construo para que adquira mais personalidade, para que se torne cada vez mais afetivo e por isso efetivo. Buscando autonomia e sentido para o que faço, para que possa compreendê-lo para além das prescrições e controles externos.



V Feira Científica – Dezembro/2008

Outros passos do caminho

Antes de terminar, por enquanto, essas primeiras narrativas a respeito de minha formação, preciso comentar aqui a minha última experiência na greve dos servidores municipais de Campinas, que teve início em maio e terminou em junho de 2009. Foram 20 dias intensos: mais uma vez pude observar as diferentes pautas e formas de participação das pessoas em movimentos coletivos. Houve quem praticamente acampasse no Paço, se envolvendo profundamente no movimento, bem como quem aproveitou os dias de descanso e fez sua própria greve em casa. Para mim o que mais me chamou a atenção foi a grande adesão que a greve teve logo no primeiro dia e como as pessoas estavam ali com um sentimento de querer serem ouvidas.

Fato curioso e interessante foi a inclusão das novas tecnologias, que discutimos e aprendemos desse curso de especialização serem incorporadas na greve, na forma de um blog que registrava o dia-a-dia do movimento e contou com uma grande adesão dos grevistas.



Assembléia dos servidores municipais em frente ao Paço Municipal de Campinas, em maio de 2009

Foram manifestações emocionantes, e embora as reivindicações fossem mais do que justas: a questão salarial, melhores condições de trabalho; o pensamento às vezes vagava e ia encontrar meus alunos, imaginando a leitura que estavam

fazendo daquele momento, do tempo que ficaram sem aulas... Ainda não consegui definir e tirar um posicionamento concreto dessas minhas últimas reflexões sobre a greve deste ano, estou dividida entre a certeza da necessidade em participar dessa batalha e a amargura que sempre acompanha o fim da mobilização. Começo entender, porém, que cabe aqui mais uma especificidade de nossa profissão: nosso movimento não diz respeito apenas às reivindicações junto a um patrão, chefe ou empregador. Ao participar de um momento como esse, envolvemos e afetamos também aqueles que são, sobretudo o objetivo, a razão do nosso trabalho: os alunos...e é por isso que a mobilização nunca vai ser tranqüila e serena, entraremos sempre neste tipo de movimento olhando quem deixamos para trás.

Antes de concluir...

Apresento agora algumas fotos tiradas pelos meus alunos desse ano, são apenas amostras do nosso dia-a-dia que ajudam a ilustrar como eles vivenciam a escola. É uma turma de 34 crianças do 2º ano do 1º Ciclo, que acompanho desde o ano passado, quando a maioria (na época, 24 crianças) ingressaram na Educação Fundamental, aos seis anos de idade.

Nessa atividade as crianças, em pares, saíram pelos espaços da escola e, depois explicaram suas escolhas. Não houve interferência de minha parte na captação das imagens, eu os acompanhei pela escola apenas caso houvesse dúvidas em relação ao manuseio da máquina fotográfica. Alguns alunos saíram da sala já sabendo o que queriam fotografar, outros passearam mais pelos espaços até decidirem o que queriam captar. Enquanto eu acompanhava as duplas, o restante da turma permaneceu em sala desenvolvendo outras atividades em companhia de uma outra professora, que me auxiliou nesse dia.



Foto 1 – **Isabela e Robson**: Eu achei legal elas varrendo. Porque se a escola ficar suja, os bichinhos ficam na bagunça e picam os outros. (Robson)



Foto 2 – **Natália e Felipe** - Eu gosto de brincar no parquinho, porque dá pra brincar de tudo o que quiser. (Natália)



Foto 3 – **Luiz e Sophia** – Tirei essa foto porque a Marli (merendeira) é amiga da minha mãe e ela gosta quando eu “raspo” o prato. (Sophia)

Elas são carinhosas e fazem muita comida gostosa. (Luiz)



Foto 4 – **Lucas e Ariane** – Eu gosto da hora de comer, porque tudo é bom, e depois a gente sai pra brincar. (Lucas)

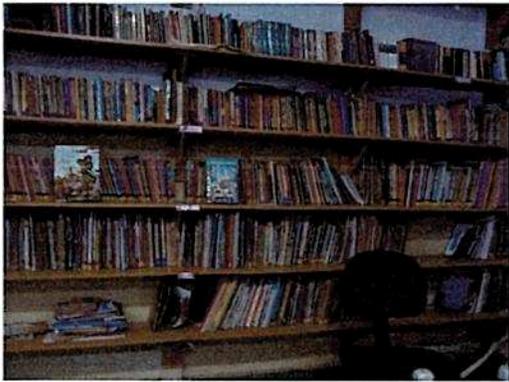


Foto 5 – **Isabelle e Argeu** – Eu gosto de ir na biblioteca, escolher os livros, eu já sei ler. (Isabelle)



Foto 6 – Eu tirei essa foto, porque gosto dessa mesa, é bom de desenhar, a cadeira é fofa pra sentar. (Argeu)



Foto 7 – **Márcio e Nicolly** – Eu gostei da vista do pátio lá de cima, eu gosto de ficar aqui no recreio. (Márcio)



Foto 8 – **Vanessa e Diogo** – Eu gosto dessa casinha porque ela é cheia de detalhes, é o brinquedo que eu mais gosto na biblioteca. (Vanessa)



Foto 9 – **Gabriele e Bruno** - Eu queria ver como é a sala dos professores e porque eu gosto de você, que é legal. (Gabriele)

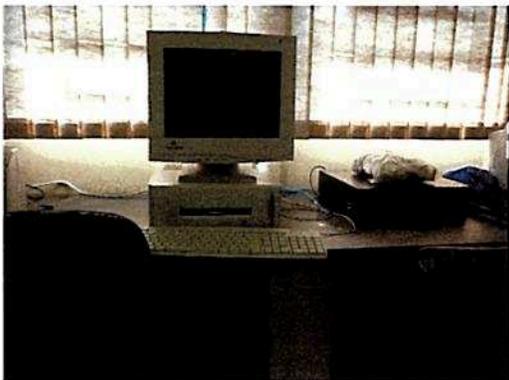


Foto 10 – **David e Andressa** – Eu gosto quando a gente vai lá e mexe no computador, é legal! E gosto de pesquisar na internet. (David)

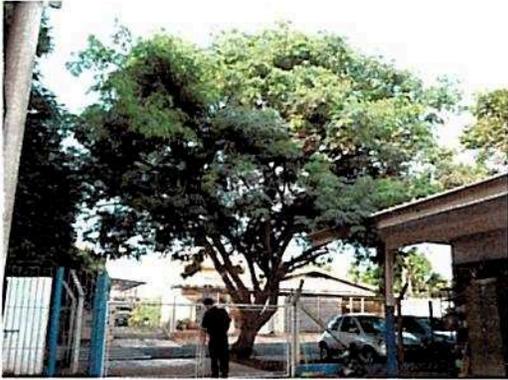


Foto 11 – **Ana e Victor** – Eu tirei foto dessa árvore, porque eu gosto da natureza e essa árvore é muito bonita. (Ana)

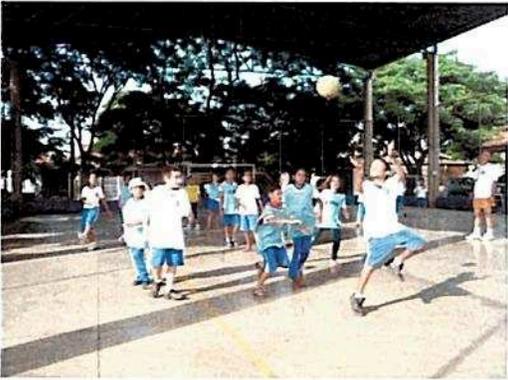


Foto 12 – **Vitor Hugo e Talia** – Essa foto é porque as crianças tavam se divertindo, porque a quadra é legal. (Vtior Hugo)

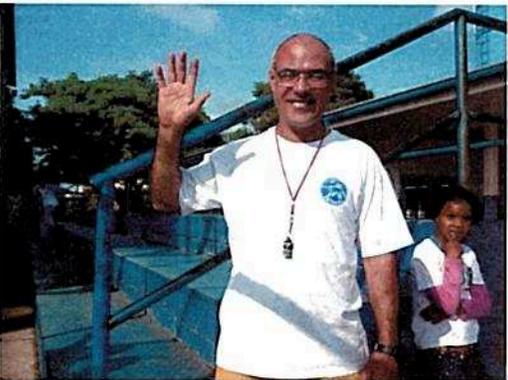


Foto 13 – **Adriele e Tamires** – Eu gosto do professor Ricardo (Educação Física), ele é legal e dança com a gente (Adriele)



Foto 14 – A Natália e a Sophia, a gente é amiga, brinca junto todo dia! (Tamires)

São pequenos momentos, captados pelos alunos em seu cotidiano, que mostram um pouco, como vêm a escola, em que explicitam do que gostam, de quem gostam. O interessante de destacar é que nesta atividade em especial não foi dada nenhuma orientação sobre o que deveriam fotografar, mas pelas imagens e falas das crianças, é possível perceber que elas se detiveram no que lhes agrada, nos aspectos afetivos e positivos do espaço escolar.

Uma última imagem, desta vez da sala de aula dessa turma, mostra-nos o diálogo permanente que existe, no cotidiano escolar, entre as normas disciplinadoras e o movimento da vida real. Organizada de modo “tradicional”, com carteiras enfileiradas umas atrás das outras, a sala de aula não é só isso. O que percebemos é que as crianças estão sorridentes, envolvidas com a fotógrafa, demonstrando alegria e irreverência. Embora saibamos todos que não é todo dia que se tira fotografia da turma e que portanto, essa situação não é trivial, podemos perceber a alegria estampada nos rostos infantis que a sala de aula, para elas vai muito além daquele espaço, no qual corpos disciplinados obedecem parados e mudos as ordens emitidas pelo professor, como tentam nos fazer crer algumas narrativas do poder dominante sobre nossas escolas.

Foram imagens captadas de forma espontânea, livre, assim como suas falas sobre elas e embora não estejam explicitados os modos de trabalhar os conteúdos,

consigo perceber que para eles a escola é mais do que "lição", atividades no caderno. Na escola experimentam e fortalecem aspectos sociais e afetivos, ampliam repertórios e se expressam. Nesse espaço podem, de forma ativa estabelecer realções com o conhecimento que ultrapassam o que é analisado em avaliações e conselhos de classe. Estar atento a essas possibilidades, em minha opinião deveria estar sempre em pauta quando pensamos e planejamos nosso trabalho com as turmas.

Considerações finais

E como recontar e contar minha história como professora, olhar as imagens captadas pelos alunos reflete em minha prática? Ao olhar as imagens em conjunto com as falas das crianças penso que é possível perceber que elas enxergam sua vivência na escola como um lugar de descobertas, curiosidade, afetividade. Pensar sobre estes aspectos pode não ser uma prática tão valorizada quanto os conteúdos e aquisição do conhecimento formal, ainda mais em tempos de avaliações institucionais e de desempenho.

O que fico pensando é: como fazer os professores enxergarem estas necessidades de mudança e participarem delas? O que vejo como mais difícil é envolver – não diria todos – mas a maior parte do grupo de professores de uma escola neste objetivo: definir projetos, refletir, questionar, avaliar ... para o bem dos alunos, da educação e da comunidade onde atuamos.

Penso que talvez uma alternativa seja a persistência em continuar realizando o que acredito ser fundamental em meu trabalho: a afetividade. Afetividade somada aos pontos que também aprendemos em nosso Curso de Especialização: a busca pelas parcerias na escola, a proposta de realizar com as crianças o trabalho através de Projetos, que suscitem a curiosidade, a construção de sua autonomia e o prazer em vivenciar a escola.

De uma professora tímida e insegura, vejo agora ao final desse trabalho que sou uma pessoa e profissional diferente. Ainda estou em busca de muitas respostas e caminhos em que encontre e possa viver a felicidade profissional, mas agora me sinto muito mais autora do que faço. Procuro ser e estar feliz com as crianças com quem trabalho, para que elas possam, ao ver e experimentar como atuo profissionalmente, também encontrar sua felicidade na escola.

Bibliografia

ALVES, N.; OILIVEIRA, I. B. **Imagens de escolas espaçotempos de diferenças no cotidiano** in Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade – vol 25, n. 86 Campinas, SP: Cortez, 2004.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre. Imagens e Auto –imagens**. Petropolis, RJ.Ed. Vozes, 2000

BOGUNGA, Lygia de. **A casa da Madrinha**. Rio de Janeiro. Ed. Agir, 16ªedição,1978.

CAMPOS,Vera Lucia Silveira Leite. **Causas do Desânimo e Abandono dos Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Representação Social**. Dissertação de Mestrado, UERJ, RJ, 1993.

CASTORIADIS, Cornélius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CATANI, Denice Barbara, et al (orgs.). **Docência, Memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHARLOT, BERNARD. **A etnografia da escola**. *Em aberto*, Brasília (DF): v.11, p.73-86, jan./mar. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/PESQUISA/BBE-ONLINE/obras.asp?autor=CHARLOT,+BERNARD> Acesso em 09/10/2009

DA ROS, S. Z.; MAHEIRIE, K. ;VIEIRA, A. **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. Florianópolis, SC: NUP/ CED/ UFSC, 2006.

DICKEL, A. **Que sentido há de se falar em professor-pesquisador no contexto atual? Contribuições para o debate**. In . **Cartografias do trabalho docente**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

GERALDI, C.; FIORENTINI, D. PEREIRA, E. **Cartografias do trabalho docente**. Campinas, SP, Mercado das Letras, 1998.

GERALDI, J. W. **Transgressões convergentes: Vigotski, Bakthin, Bateson** / João Wanderley Geraldi, Maria Benites, Bernd Fichtner – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

GRIBEL, Christiane. **Minhas Férias, pula uma linha, parágrafo**. Rio de Janeiro. Ed. Salamandra, 1999.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa, E. Dom Quixote, 1992.

PEREIRA, Marcos Villela. **Nos supostos para pensar formação e autoformação: a professoralidade produzida no caminho da subjetivação**. In: Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa. RJ, Ed. DP&A, 2000.

ROCHA, Ruth. **Quando a escola é de vidro**. In: Admirável Mundo Louco. Rio de Janeiro. Salamandra, 1986.

VIGOSTKI, L.S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2004.